

TEOLOGIA DA CRIAÇÃO DO SER HUMANO¹

Pe. Adelar Baruffi²

A questão central

Como a fé cristã compreende a criação do ser humano? A abordagem será a partir da Sagrada Escritura e da Teologia.

Dados introdutórios

A Teologia da Criação do Ser Humano situa-se a partir na Antropologia Teológica, no contexto da Teologia da Criação.

A potência de Deus vence o caos e cria para o homem as condições que lhe garantem o desenvolvimento da vida.

Não se trata de um ato inicial de Deus, mas um “fazer originário”, que se repete constantemente: Deus “é” criador!

A partir da experiência de fé no Deus salvador/ libertador, o povo de Israel chegará à profissão de fé no Deus criador de todas as coisas.

A compreensão cristã do ser humano tem uma necessária referência a Jesus Cristo, pois «na realidade, somente no mistério do Verbo Encarnado encontra luz o mistério do homem.» (GS 22).

“Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste.” (Cl 1,16-17).

Sagrada Escritura: o ser humano é criatura da terra e imagem de Deus

Primeiro relato bíblico da criação do ser humano: Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele os criou, homem e mulher ele os criou.” (Gn 1, 26-28).

Segundo relato bíblico da criação do ser humano: “Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem

¹Apresentado em forma de slides, com alguns acréscimos, no projeto **Fé e Cultura na Igreja São Pelegrino**, em Caxias do Sul, aos 19 de setembro de 2012.

² Presbítero da Diocese de Caxias do Sul. Mestre em Teologia.

tornou-se um ser vivente. Javé Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. [...] Javé Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o cultivasse e o guardasse.” (Gn 2,7-8.15).

O primeiro relato da criação do ser humano é mais centrado no conjunto do cosmos e o segundo na formação e vocação do homem e da mulher.

No primeiro relato, o ser humano é criatura do sexto dia. Chega depois, num espaço habitado e cheio de vida. É mais hóspede que proprietário.

A criação não se conclui com o ser humano: a criação aponta para o sábado. A missão humana é conduzir a criação ao sábado.

O ser humano divide com os animais o mesmo dia da criação e também o alimento.

Doutra parte, só ele foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Ao invés de falar do ser humano criado “segundo a sua espécie”, temos a criação do ser humano “segundo nossa imagem” (v.26), a imagem de Deus.

Então, em que sentido o ser humano se distingue das outras criaturas? A pergunta mais precisa seria: Qual é a forma correta do ser humano se relacionar com as outras criaturas?

A criação do ser humano como culminância da obra de Deus

Há um movimento crescente de intimidade entre Deus e as criaturas, cujo ápice encontra-se na criação do ser humano.

Deus dirige-se ao homem de modo direto, constituindo-o um ser dialógico: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse...” (Gn 1,28).

“Façamos” (v.26): Na criação, Deus busca a comunicação com alguém.

Um plural majestático? Um discurso de Deus consigo mesmo. O ser humano surge da reflexão ao interno do ser de Deus!

Um diálogo entre o Pai e o Verbo (cf. Jo 1,1), indícios de uma teologia trinitária? Esta foi uma interpretação cristã.

“Subjugar” e “dominar” ou “cultivar”?

Diante das outras criaturas de Deus, o ser humano tem uma relação específica, que está em sua responsabilidade sem reciprocidade.

Na primeira narrativa, o verbo usado em relação ao lugar do ser humano na criação é «submeter». Seu sentido é «reinar»: exercer um sábio governo junto às criaturas, de modo que se cumpra o desígnio do Criador.

Como “senhor” da criação, o ser humano é o pastor, o responsável por todos os animais: acompanhar, pastorear e guiar.

Assim, no primeiro relato, o ser humano é convidado a conduzir a criação ao Sábado, o fim último da criação.

No segundo relato, de Gn 2, o verbo usado é «cultivar»: a vocação humana é “guardar e cultivar” (v.15) o jardim.

A formação do ser humano, em Gn 2, é uma obra de artesanato, modelada com a argila. Nisto é também participante da sorte das demais criaturas. Participa da fragilidade de tudo o que foi criado.

Ele é retirado da própria terra, filho da terra, pó da terra. Os latinos dizem “*húmus*”, significando humildade.

É o Espírito de Deus, inspirado no ser humano que lhe dá a vida e o torna realmente humano, «imagem de Deus». A vida que ele tem, ele a recebe de Deus, não a dá a si mesmo.

O ser humano é representante e administrador do Criador junto às demais criaturas, cultivador do jardim. Torna-se, assim, imagem do mundo diante de Deus e imagem de Deus diante do mundo.

Cultivar é a síntese da missão humana diante da criação. Todo o reinar, governar e administrar deve ser exercido na perspectiva do “cultivar”, “cuidar”.

Pelo sopro de Deus, o ser humano, criatura como as outras criaturas, é elevado a “imagem de Deus”.

Como imagem de Deus o ser humano é o cultivador do jardim. Traz em si a marca do divino sobre a terra. As criaturas deveriam sentir-se acolhidas e protegidas ao aproximar-se do homem, como se aproximassem do Criador, do qual é imagem!

O ser humano, imagem de Deus

A palavra hebraica para designar «imagem de Deus» é «*tselem*», que indica alguma coisa que é reflexo de outra realidade. O ser humano “espelha” Deus.

Em qual sentido o ser humano reflete a realidade de Deus?

Os animais são chamados de seres vivos (v.20 e 30). O ser humano, ao invés, não é um simples ser vivo, mas imagem e semelhança de Deus;

Coopera com Deus na sua obra criadora, cultivando o jardim;

No ser humano se reflete a realidade divina de Deus porque também ele é um *ser racional*, fala, e falando organiza tudo o que existe, com sua criatividade;

O ser humano é imagem também porque sabe *observar*, vê e descobre que o que existe são criaturas boas;

O ser humano é, também, imagem de Deus porque sabe *repousar*, assumindo o ritmo do tempo dos sete dias, um dia descansa e contempla liturgicamente a criação. O sétimo dia recorda ao homem que Deus é sempre maior e se encontra além de tudo, é a meta final, o futuro que esperamos.

É imagem de Deus porque constituído e aberto ao diálogo com Ele. (Gn 1,28: e lhes disse...).

Enfim, a perícopes do Gênesis nos permite compreender que o ser humano é imagem em tudo o que o constitui: na relação como o mundo, com o outro e com Deus.

A constituição do ser humano

Além de ser *Adam*, feito do pó e da argila, o ser humano é *basar, ruah e nephesh*:

Basar: Significa “carne”. Indica a fragilidade, a efemeridade. É a mortalidade e a humildade de toda criatura.

Ruah: Significa “respiro”, sopro, “espírito”. É a vida e a força ou energia que caracterizam a criatura humana. Pode ser o “Espírito de Deus”.

Nephesh: Inclui as outras duas, pois indica a totalidade do ser humano como um “ser vivente”. É a argila ou carne cheia de vitalidade, de espírito.

A Tradição cristã preferiu usar as palavras corpo e alma para falar da constituição do ser humano. Fala da “unidade de corpo e de alma” (GS 14). Unidade do princípio material e o princípio espiritual no ser humano.

Jesus Cristo é a imagem do Pai . “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).

Imagem de Deus no Novo Testamento. Jesus Cristo é a «imagem do Deus invisível» (Cl 1,15).

No Novo Testamento a noção de imago Dei (imagem de Deus) vem diretamente atribuída a Jesus Cristo (2Cor 4,4; Cl 1,15).

Paulo contrapõe Adão, com o qual iniciou a humanidade do pecado, e Cristo, o novo Adão, com o qual inicia a nova humanidade.

A intenção de Paulo, com a qual Cristo é designado como imagem de Deus, é a de sublinhar a centralidade de Cristo em todo o plano divino sobre o ser humano.

Adão-Cristo: o segundo revela completamente o primeiro: em Gn 1,27 o ser humano é criado «à imagem de Deus» em previsão do Cristo imagem de Deus. Somente no Filho o ser humano pode conhecer adequadamente o seu ser criado à imagem e semelhança, antes de tudo porque assim ele descobre de ser imagem da Imagem do Pai (cf. Cl 1,15).

Imagem de Deus na Teologia Patrística

Para Santo Irineu e Tertuliano, o Verbo Encarnado é o modelo à imagem do qual o ser humano foi criado.

Tertuliano: “Em tudo o que no barro estava sendo feito (Gn 2,7) era em Cristo que se pensava, naquele que devia fazer-se homem, isto é, barro, ao Verbo que devia fazer-se carne, o que então era ainda terra.” (*De resurrectione carnis*, 6).

Irineu de Lião: “Nos tempos passados falava-se que o homem foi feito à imagem de Deus, mas não aparecia como tal, porque era ainda invisível o Verbo, à imagem do qual tinha sido feito: exatamente por isto perdeu a semelhança. Mas quando o Verbo de Deus se fez carne, confirmou uma e outra coisa: mostrou verdadeiramente a imagem, tornando-se ele mesmo o que era a sua imagem e restabeleceu fortemente a semelhança tornando o homem semelhante ao Pai invisível através do Verbo que se vê.” (*Contra as heresias*, V, 16, 2).

Santo Agostinho: “Devemos compreender o homem como criado à imagem da Santíssima Trindade, isto é, à imagem de Deus.” (*De Trinitate*, 12,7,9).

São Clemente de Alexandria: “Como imagem e semelhança não se indica, como já dissemos, o que se refere ao corpo – pois é impossível que o mortal seja semelhante ao imortal – mas o que se refere à mente e à racionalidade.” (*Stromata*, 2,102,6).

O sentido de “semelhança”

O conteúdo da noção de *similitudo* (semelhança) é mais ligado à realidade do ser humano como imagem viva em crescimento. Se pode dizer que a semelhança é uma vocação que se desenvolverá ao longo da existência pela ação do Espírito Santo.

Imagem pode ser compreendida como dom e semelhança como tarefa. Somos chamados a nos assemelharmos cada vez mais à imagem da qual fomos criados: Jesus Cristo.

Como Deus sonha a vida do ser humano: as condições de vida no Jardim

A vocação ao trabalho: a primeira missão que Deus pede ao homem é o trabalho, cultivar o jardim. O trabalho é parte do ser humano e o dignifica. O alimento, que é dom de Deus, é também fruto do trabalho do ser humano. Diferente dos gregos e latinos, fé cristã vê o trabalho de maneira positiva, como inerente à condição humana.

Vocação à liberdade: “poderás comer de todas as árvores do jardim. Mas não poderás comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.” (Gn 2, 16-17).

Em primeiro lugar não está a proibição, mas a concessão de poder comer de todas as árvores.

A árvore da vida testemunha que nossa vida é dom de Deus, a recebemos do Criador.

O que Deus veta ao homem não é conhecimento dos valores morais do bem e do mal. É uma questão anterior a todo o moralismo e nos coloca diante do princípio fundante e gratuito da existência humana: o diálogo com Deus. Ele é a fonte da vida, comer da sua árvore é usurpá-lo e refutá-lo, querer assumir o seu lugar.

É uma forma de dizer ao homem que é criatura, não Deus. É uma existência acolhida e aceitando-se assim se realiza como ser humano. Não pode pretender ser Deus.

Este pedido de Deus abre ao homem o mundo da liberdade. A árvore do conhecimento do bem e do mal simboliza a capacidade humana de escolher livremente e responsabilmente, atingindo a esfera da liberdade.

“Homem e mulher ele os criou.” (Gn 1, 27).

Vocação à comunhão: Adam, o ser humano, é essencialmente dual, foi criado para viver com o outro e para o outro.

Este dual do ser humano tem uma raiz comum no hebraico: *ish* (homem) e *isháh* (mulher).

Aparece clara distinção entre a relação que se estabelece entre o ser humano e os animais, “dar o nome” e entre o homem e a mulher, “saudar”.

“Dar o nome” (Gn 2,19-20) é uma forma de dar significado e direção à vida dos que são nomeados.

Ao invés de nomear, o homem saúda a mulher: “exclamou” (Gn 2,19). A saudação é o reconhecimento da chegada de alguém capaz de interlocução, estão face a face. É alguém que está ao lado, ombro a ombro, em parceria. É uma relação de reciprocidade e correspondência mútua. É a criação da alteridade humana.

A solidão não é condizente com a vocação humana. Por isso, Deus cria a mulher “que lhe corresponda”, numa relação fundada na semelhança, na reciprocidade e no diálogo.

Ambos, homem e mulher, refletem a imagem de Deus (Gn 1,27).

Aprofundamento teológico

O ser humano foi criado aberto para Deus, “capax Dei”. «A alma é naturalmente capaz da graça: pelo mesmo motivo de ter sido criada à imagem de Deus, é capaz de Deus por graça» (S. TOMÁS, *Summa Theologiae* I-II q.113 a.10).

«O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar» (CIC 27).

O ser humano compreende-se constitutivamente em relação a Deus. Existe uma carência de subsistência do ser humano fora de Deus. Santo Agostinho nos deixou este testemunho ao afirmar nas suas Confissões: «Fizeste-nos para Ti e está inquieto o nosso coração até que não repouse em Ti.»

A dignidade da pessoa humana é ser manifestação, portadora, do mistério de Deus.

O ser humano, participante do ser pessoal de Deus, é um ser relacional. É no seu ser pessoa que melhor manifesta a imagem divina.

Como lhe é constitutivo, a imagem de Deus no ser humano é indestrutível, o pecado não pode destruí-la.

O ser humano é criatura, não dá a si mesmo a vida. É uma existência acolhida. Isto significa dependência e diferenciação em relação ao Criador.

Ser imagem de Deus é o fundamento do ser humano, que ele não dá a si mesmo. Todos somos imagem de Deus, não somente os reis, como os babilônios diziam.

É, também, garantido nosso espaço de liberdade. Ele coloca-se diante do Criador, entra em diálogo com Deus, podendo acolhê-lo ou rejeitá-lo.

Concluindo

Alguns princípios que emergem da criação do ser humano, a partir da Teologia:

A gratuidade: O ser humano recebe a vida de um Outro e é chamado a acolhê-la com estupor e reconhecimento. Este reconhecimento o leva à comunhão com Deus e os outros.

A alteridade. O homem bíblico é chamado a descobrir a liberdade que lhe foi oferecida e aprender a assumi-la como lugar de encontro e comunhão com o cosmos, com os outros, com Deus e consigo mesmo.

Ser pessoa. Como imagem de Deus, o ser humano é capaz de conhecer-se, livremente doar-se e entrar em comunhão com outras pessoas. É chamado a uma Aliança com seu Criador e amá-lo.

Bibliografia

BÁEZ, S. J., *L'uomo nel progetto di Dio: Genesi 1-3*, em MORICONI, B.(ed.), Antropologia cristiana. Bibbia, teologia, cultura. Roma, Teresianum, 2001, pp. 173-178.

LADARIA, LUIS F., *Introdução à Antropologia Teológica*. São Paulo: Loyola, 1998.

LAUDAZI, C., *L'uomo nel progetto di Dio*, em MORICONI, B.(ed.), Antropologia cristiana. Bibbia, teologia, cultura. Roma, Teresianum, 2001, pp. 261-333.

MESTERS, CARLOS, *Paraíso terrestre: saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 1971.

MINCATO, Ramiro, *A questão do 'dominai a terra'. Exegese e hermenêutica de Gn 1,28*, em NODARI, Paulo César, *Viver, amar e servir*. Caxias do Sul, Educus, 2012, pp. 155-165.

RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*. Santander, 1988.

RUIZ DE LA PEÑA, JUAN LUIS, *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.

SUSIN, L. C. *A Criação de Deus*, São Paulo: Paulinas, 2003.